

BRAZIL Lemgruber está otimista

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Com a expectativa de crescimento econômico da ordem de 7% ao ano e inflação baixa, o clima no Brasil é nitidamente favorável aos investimentos, e se hoje, paradoxalmente, o País assiste a uma evasão de recursos estrangeiros, isso se deve mais a causas externas do que a desconfianças em relação ao Plano Cruzado e aos rumos da economia brasileira. A tese foi defendida ontem pelo ex-presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, e pelo economista da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio, Eduardo Modiano, considerado um dos "pais" do Plano Cruzado.

Falando a empresários ingleses reunidos no II Seminário Anual da Câmara de Comércio Britânica, sobre o tema geral de "clima para novos investimentos", ambos afirmaram não haver razões para se acreditar na continuidade desse processo de desinvestimento por mais algum tempo. Modiano chegou a dizer que "qualquer componente interno que esteja hoje impedindo os investimentos deve ser resolvido no desenrolar de 87".

As incertezas de curto prazo, resultantes principalmente do momento político e da proximidade da Constituinte, são pequenas em relação a algumas certezas de médio e longo prazo, acrescentou. "O investimento global na economia brasileira está crescendo e deve atingir, no segundo semestre, 19,5% do Produto Interno Bruto, percentual que ainda está longe dos 26% da década de 70, mas é superior aos 16 ou 17% registrados até meados de 84", disse. Modiano observou também que os investimentos começaram a se recuperar antes do Plano Cruzado, mas não

na velocidade necessária para aumentar a oferta e resolver o problema do consumo.

CONSTITUINTE

O maior fator de inibição dos investimentos, segundo o economista, da PUC, era a inflação, mas agora, depois da reforma econômica, as incertezas manifestadas pelos empresários são de ordem política. "Eles temem que a Constituinte seja antagônica ao investimento estrangeiro", afirmou. Sobre essa questão, Lemgruber analisou, junto aos empresários, que há diferenças entre o "projeto da Constituinte" e "a Constituinte propriamente dita" e que esta deverá ter "características mais moderadas". Mesmo a reserva de mercado de informática, salientou Lemgruber, deverá ser uma questão "resolvida ao longo do tempo". E, completou Modiano, "os cenários mais pessimistas traçados por alguns analistas são ainda muito melhores do que o apresentado pela economia brasileira em fevereiro de 86".

SEGUNDO CHOQUE

Eduardo Modiano defendeu a necessidade de um segundo choque na economia brasileira, visando, principalmente, "desafogá-la" da pressão do consumo e evitando, ao mesmo tempo, o reinício da espiral inflacionária. As bases desse segundo choque seriam a correção de alguns preços defasados na economia e sob pressão de demanda, a eliminação da escala móvel de reajustes salariais, substituída por outras medidas, o aumento do recolhimento do Imposto de Renda na fonte, incidindo sobre as classes de renda mais alta, e a redução dos gastos correntes do governo, através da reforma administrativa.